

AS IMPOSSIBILIDADES DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NA ÁREA CENTRAL DE CHAPECÓ FACE À INSEGURANÇA URBANA ¹

GABRIEL PEREIRA LOPES^{2,3}

1 Introdução

A insegurança urbana pode ser considerada um fator que influencia diretamente na redefinição das relações e práticas espaciais cidadinas (principalmente entre centro e periferia), na lógica de produção do espaço urbano, na segregação e estigmatização de certos grupos sociais e locais da cidade. Segundo Spósito (2013) isso acaba gerando uma “urbanização difusa” e o aumento de espaços tidos como enclaves socioespaciais, que aprofundam as desigualdades e contribuem para o processo de fragmentação socioespacial que as cidades médias tendem a seguir cada vez mais, numa sociedade pautada no consumo e na diferenciação com o próximo.

O sentimento de insegurança gerado pela questão da violência e do crime - que vem sendo cada vez mais presente nas cidades médias - combinados com o medo que é criado através da mídia, certas narrativas de grupos sociais que se “autossegregam” atrás de seus enclaves fortificados, a estigmatização de grupos sociais menos favorecidos e o desrespeito aos direitos dos cidadãos, contribuem para a segregação e fragmentação espacial da cidade, principalmente de seus espaços públicos, que vão se tornando cada vez mais inacessíveis e inexistentes, caminhando para uma sociedade que aumenta suas desigualdades e estabelece limites do uso e do direito à cidade (CALDEIRA, 2000). A cidade Chapecó reproduz esta prática através de uma certa repressão à ocupação dos espaços públicos em sua área mais central, refletindo diretamente na paisagem urbana, através de uma arquitetura hostil e a redução dos espaços de permanência e sociabilidade. Essa repressão acontece principalmente, a um certo grupo social, que normalmente não se enquadra as características gerais da população mais tradicional da cidade. O centro enquanto palco de relações sociais, não cumpre devidamente o seu papel, sendo possível captar uma visível segregação social de

1 Pesquisa de iniciação científica desenvolvida no âmbito do projeto “Da insegurança urbana à fragmentação socioespacial em Chapecó, SC” (Edital nº 490/GR/UFGS/2018) sob orientação do Prof. Dr. Igor Catalão.

2 Acadêmico do curso de Graduação em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, contato: lopesgabriel.p@gmail.com

3 Núcleo de estudos e pesquisas sobre região, urbanização e desenvolvimento (Nerud)



quem pode, ou como deve ser usufruído este espaço.

2 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa foi analisar as estratégias adotadas pelos cidadãos face à insegurança urbana e como estas são condicionadas pelas características da formação socioespacial, contribuindo em maior ou menor medida para o desenvolvimento da fragmentação socioespacial e para a construção do direito à cidade. Buscou-se entender as diferentes formas de securitização adotadas pelos cidadãos que contribuem para o desenvolvimento da fragmentação socioespacial e, por conseguinte, interferem nas condições de realização do direito à cidade, e principalmente, nos usos do espaço público na área central de Chapecó.

3 Metodologia

A metodologia adotada nesta pesquisa é de cunho qualitativo, sendo baseado em diferentes fontes sobre a temática da produção do espaço e da insegurança urbana, através da leitura de livros, artigos e dissertações. Foram realizadas observações em diferentes pontos da cidade de Chapecó em conjunto com o orientador e outros integrantes da pesquisa, registrando as estratégias adotadas nas residências e no espaço público face à sensação de insegurança urbana. Além disso, foram feitas observações mais específicas na área central da cidade, a fim de identificar as diferentes formas de repressão aos usos do espaço público.

4 Resultados e discussão

Analisando a área central da cidade de Chapecó, percebe-se que os espaços de permanência e convivência social, são cada vez menos notados, o que parece ser contraditório, devido ao centro de qualquer cidade, historicamente ser um local de encontro, descanso, comércio, alimentação, isto é, movimentação e permanência de pessoas. Um lugar como este torna-se essencial para qualquer sociedade. Essa permanência acaba sendo ofensiva a integrantes da sociedade civil, seja pela aglomeração de pessoas assombrosas à clientela em frente aos pontos comerciais, seja pela interpretação do que é perturbação do sossego e da ordem pública. Principalmente o centro das cidades que acabam por edificar-se e reconstruir-se de maneiras a impedir essas atividades de aglomerações de pessoas – ou a dinamizar o

fluxo de pessoas, se visto por outro ângulo - manifestadas na arquitetura e na infraestrutura desses espaços. O centro de Chapecó segue esse modelo, através de uma arquitetura hostil, com o uso de aparatos metálicos pontiagudos, algumas vezes até com algum rebusco artístico, adereços arbustivos, grades e correntes, estruturas atraentes visualmente e repugnantes ergonomicamente estão camufladas à visão forjada pelo cotidiano chapecoense e de várias outras cidades que seguem a nova arquitetura pós-moderna e modelos higienistas e de gentrificação.

Entendendo que a cidade em si, deve ser vista como um espaço público e a ocupação do deste é um direito do cidadão, foram analisados os aspectos que afirmam as formas de repressão à ocupação e permanência dos espaços públicos na área mais central da cidade de Chapecó, buscando demonstrar de que forma essa prática se reflete na paisagem urbana e no processo de fragmentação socioespacial, através de uma arquitetura hostil e a redução dos espaços de permanência e sociabilidade. Com o intuito de fomentar um debate acerca da sociabilidade neste espaço e da repressão que acontece principalmente, a um certo grupo social, que normalmente não se enquadram as características gerais da população mais tradicional da cidade. O centro enquanto palco de relações sociais, não cumpre devidamente o seu papel, sendo possível captar uma visível segregação social de quem pode, ou como deve, ser usufruído este espaço.

5 Conclusão

É notável a segregação socioespacial presente em Chapecó, principalmente se formos comparar o centro (e os bairros ao redor, como Jardim Itália e Presidente Médice) com o restante da cidade. Porém, existe uma camuflagem dessa segregação nas áreas centrais, onde percebemos uma primazia de edifícios, casas e estabelecimentos, no auge do desenvolvimento. Isto acontece devido à soma dos processos de gentrificação com a especulação imobiliária, que expulsam voluntariamente os grupos sociais considerados não adequados a residirem no centro da cidade. Diversas ferramentas de manipulação social são utilizados para que a população mais tradicional crie uma antipatia com os novos moradores e que auxiliem o município a fortalecer esses processos de expulsão dos grupos sociais menos desfavorecidos das áreas centrais. Segundo Caldeira (2000) cria-se um padrão de segregação espacial nas cidades brasileiras, amparadas pelo sentimento de medo, reproduzido através da



“fala do crime”, a qual cria estratégias na cidade que “estabelecem diferenças, impõe divisões e distâncias, constroem separações, multiplicam regras de evitação e exclusão e restringem movimentos”.

A retirada da maioria dos bancos públicos do centro da cidade nos mostra o caráter repressivo da gestão municipal frente aos usos do espaço público, que declarou como motivo principal o mau uso por parte dos jovens durante a noite, que acabam “perturbando a ordem pública”, causando o sentimento de insegurança aos moradores daquela área. Caímos então no que podemos classificar como uma “díxima periódica” da discussão: “Proteção x Segregação”, ao tentarem dar uma maior segurança ao local, a prefeitura acaba prejudicando-o com a retirada dos bancos, que não serviam somente aos temerosos jovens que os ocupavam durante à noite, mas principalmente, as pessoas que ali transitavam e utilizam deste espaço para qualquer outro tipo de prática. Estas práticas tornam-se claras no processo de fragmentação socioespacial, sendo de total influência para a alteração da paisagem urbana e produção do espaço em Chapecó.

Referências

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed.34-Edusp, 2000.

CATALÃO, Igor. **Diferença, dispersão e fragmentação socioespacial: explorações metropolitanas em Brasília e Curitiba**. 2013. 192 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista/Avignon Université, Presidente Prudente/Avignon, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda. **Espaços Fechados e Cidades. Insegurança Urbana e Fragmentação Socioespacial**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

Palavras-chave: Insegurança urbana, fragmentação socioespacial, ocupação do espaço público, Chapecó.